

Roy Scranton - Aprendendo a Morrer no Antropoceno

<https://archive.nytimes.com/opinionator.blogs.nytimes.com/2013/11/10/learning-how-to-die-in-the-anthropocene/>

PUBLICADO NO MEDIOBlog EM 01/11/2025

<https://medioesustentabilidade.blogspot.com/2025/11/aprendendo-morrer-no-antropoceno.html>

Aprendendo a Morrer no Antropoceno

Por Roy Scranton, 10 de Novembro de 2013.

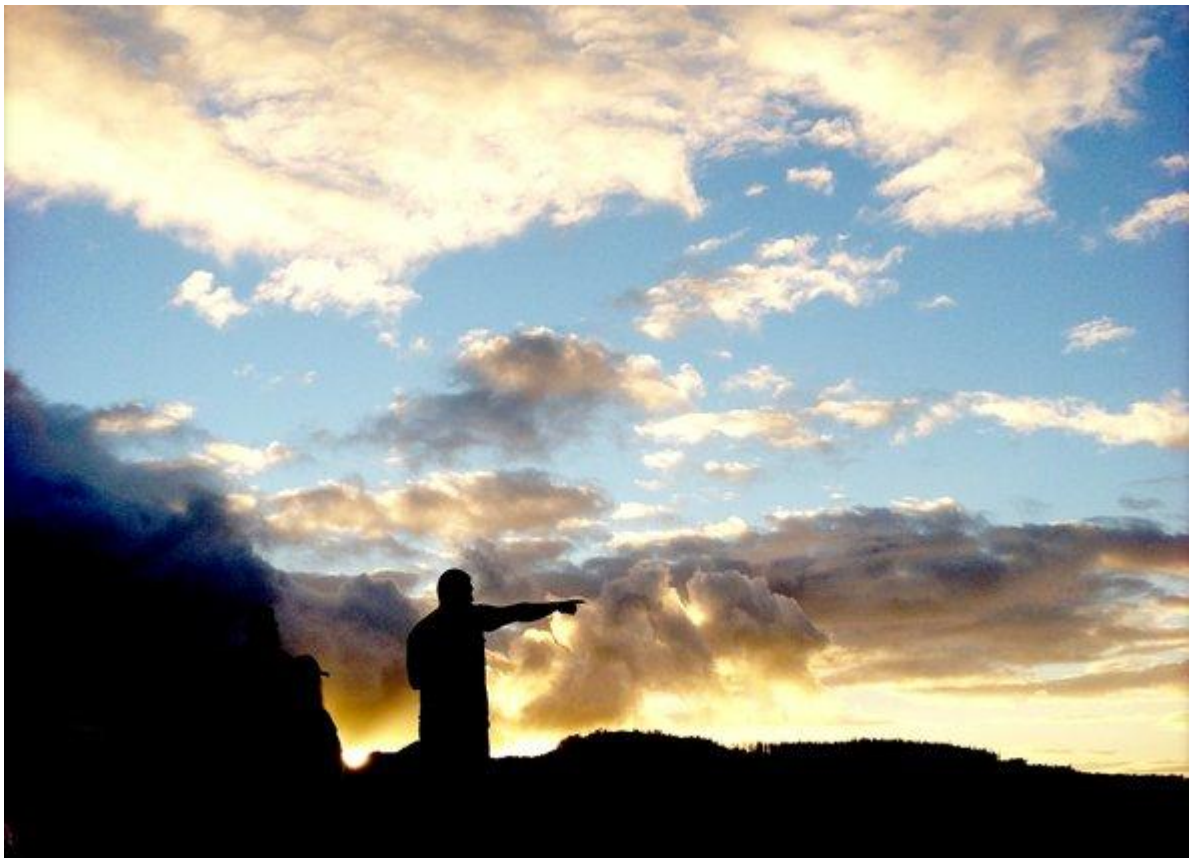


Foto por Jeffery Del Viscio

The Stone é um fórum para filósofos contemporâneos e outros pensadores sobre questões atuais e atemporais.

I.

Entrar de carro no Iraque logo após a invasão de 2003 foi como dirigir para o futuro. Viajamos em comboio o dia todo, a noite toda, passando por postos de controle do Exército e tanques incendiados, até que, na aurora azul, Bagdá se ergueu do deserto como uma visão do inferno: chamas lambiam o céu ferido do topo das torres das refinarias, monumentos ciclópicos se projetavam e se inclinavam contra o horizonte, viadutos quebrados se lançavam e caíam sobre subúrbios em ruínas, fábricas bombardeadas e ruas estreitas e antigas.

As civilizações marcharam cegamente em direção ao desastre porque os humanos são programados para acreditar que o amanhã será muito parecido com o hoje.

Com “choque e pavor”*, os nossos militares desencadearam o fim do mundo numa cidade de seis milhões de habitantes — uma cidade do tamanho de Houston ou Washington. A infraestrutura foi destruída: água, energia, trânsito, mercados e segurança caíram sob a anarquia e o governo local. A classe média secular da cidade estava desaparecendo, espremida entre gângsteres, aproveitadores, fundamentalistas e soldados. O governo estava caindo, muros estavam sendo erguidos, linhas tribais estavam sendo traçadas e hierarquias brutais estavam sendo estabelecidas de forma selvagem.

Eu era um soldado raso do Exército dos Estados Unidos. Este mundo estranho e precário era meu novo lar. Se eu sobrevivesse.

Dois anos e meio depois, seguro e preguiçosamente de volta a Fort Sill, Oklahoma, pensei que tinha conseguido escapar. Então, assisti pela televisão enquanto o furacão Katrina atingia Nova Orleans. Desta vez, foi o clima que trouxe choque e pavor, mas vi o mesmo caos e colapso urbano que vira em Bagdá, a mesma falha de planejamento e a mesma onda de anarquia. A 82ª Divisão Aerotransportada pousou, tomou pontos estratégicos e patrulhou ruas agora sob lei marcial de fato. Minha unidade foi colocada em alerta para se preparar para operações de controle de distúrbios. O futuro sombrio que eu previra em Bagdá estava voltando para casa: não terrorismo, nem mesmo armas de destruição em massa, mas uma civilização em colapso, com uma infraestrutura debilitada, incapaz de se recuperar de choques em seu sistema.

E hoje, com a recuperação ainda em andamento mais de um ano depois de Sandy e muitos críticos argumentarem que a costa leste não está mais preparada para um grande evento climático do que estávamos em novembro passado, está claro que o futuro não vai desaparecer.

Em Março deste ano, o almirante Samuel J. Locklear III, comandante do Comando do Pacífico dos Estados Unidos, disse a especialistas em segurança e política externa em Cambridge, Massachusetts, que as alterações climáticas globais eram a maior ameaça que os Estados Unidos enfrentavam — mais perigosos que o terrorismo, os hackers chineses e os mísseis nucleares norte-coreanos. A agitação causada pelo aumento das temperaturas, pela elevação do nível do mar e pela desestabilização radical “é provavelmente a coisa mais provável que vai acontecer...” ele disse, “que prejudicará o ambiente de segurança, provavelmente mais provável do que os outros cenários sobre os quais falamos frequentemente.”

Locklear não está sozinho. Tom Donilon, o conselheiro de segurança nacional, disse praticamente a mesma coisa em abril, falando para uma plateia no novo Centro de Política Energética Global da Universidade Columbia. James Clapper, diretor de inteligência nacional, disse ao Senado em março que "eventos climáticos extremos (inundações, secas, ondas de calor) afetarão cada vez mais os mercados de alimentos e energia, exacerbando a fragilidade dos Estados, forçando migrações humanas e desencadeando tumultos, desobediência civil e vandalismo."

Do lado civil, o recente relatório do Banco Mundial, "Reduza o Calor: Extremos Climáticos, Impactos Regionais e o Caso da Resiliência", oferece um prognóstico sombrio para os efeitos do aquecimento global, que os climatologistas agora preveem que aumentará as temperaturas globais em 2,1 graus Celsius em uma geração e 6,5 graus Celsius em 90 anos. Projeções de pesquisadores da Universidade do Havaí nos mostram lidando com climas "historicamente sem precedentes" já em 2047. O climatologista James Hansen, ex-funcionário da NASA, argumentou que enfrentamos um futuro "apocalíptico". Essa visão sombria é apoiada por pesquisadores em todo o mundo, incluindo Anders Levermann, Paul e Anne Ehrlich, Lonnie Thompson e muitos, muitos, muitos outros.

Este coro de Jeremias** prevê um clima global radicalmente transformado, forçando uma convulsão generalizada — não possível, não potencialmente, mas inevitavelmente. Passamos do ponto sem retorno. Do ponto de vista de especialistas em políticas, climatologistas e autoridades de segurança nacional, a questão não é mais se o aquecimento global existe ou como podemos pará-lo, mas como vamos lidar com ele.

II.

Existe uma palavra para esta nova era em que vivemos: Antropoceno. Este termo, retomado por geólogos, ponderado por intelectuais e discutido nas páginas de publicações como *The Economist* e o *The New York Times*, representa a ideia de que entramos em uma nova era na história geológica da Terra, caracterizada pela chegada da espécie humana como uma força geológica. O biólogo Eugene F. Stoermer e o químico ganhador do Prêmio Nobel Paul Crutzen propuseram o termo em 2000, e ele tem ganhado aceitação constante à medida que aumentam as evidências de que as mudanças causadas pelo aquecimento global afetarão não apenas o clima e a diversidade biológica do mundo, mas também sua própria geologia — e não apenas por alguns séculos, mas por milênios. O livro de 2009 do geofísico David Archer, "The Long Thaw: How Humans are Changing the Next 100,000 Years of Earth's Climate" apresenta um argumento claro e conciso sobre como enormes concentrações de dióxido de carbono na atmosfera e o derretimento do gelo transformarão radicalmente o planeta, além de tempestades estranhas e verões mais quentes, além de qualquer futuro previsível.

A Comissão de Estratigrafia da Sociedade Geológica de Londres — os cientistas responsáveis por fixar os "picos dourados" que demarcam épocas geológicas como o Plioceno, o Pleistoceno e o Holoceno — adotou o Antropoceno como um termo que merece consideração adicional, "significativo na escala da história da Terra". Grupos de trabalho estão discutindo qual nível de escala de tempo geológica ele poderia ser (uma "época" como o Holoceno, ou meramente uma "era" como o Calabriano) e em que data poderíamos

dizer que começou. O início da Grande Aceleração, em meados do século XX? O início da Revolução Industrial, por volta de 1800? O advento da agricultura?

Todos os dias em que saía em missão no Iraque, eu olhava para o futuro e via um buraco escuro e vazio.

O desafio que o Antropoceno representa não é apenas um desafio à segurança nacional, aos mercados de alimentos e energia, ou ao nosso "modo de vida" — embora todos esses desafios sejam reais, profundos e inescapáveis. O maior desafio que o Antropoceno representa pode ser à nossa noção do que significa ser humano. Dentro de 100 anos — dentro de três a cinco gerações — enfrentaremos temperaturas médias 2,1 graus Celsius mais altas do que as atuais, a elevação do nível do mar em pelo menos 3 metros e mudanças globais em cinturões de cultivo, estações de crescimento e centros populacionais. Dentro de mil anos, a menos que paremos de emitir gases de efeito estufa em massa agora mesmo, os humanos viverão em um clima que a Terra não via desde o Plioceno, há três milhões de anos, quando os oceanos eram 23 metros mais altos do que são hoje. Enfrentamos o colapso iminente das redes agrícolas, de transporte e de energia das quais depende a economia global, uma extinção em larga escala da biosfera que já está a caminho e nossa própria possível extinção. Se o *Homo sapiens* (ou alguma variante geneticamente modificada) sobreviver aos próximos milênios, será a sobrevivência em um mundo irreconhecivelmente diferente daquele que habitamos.



Foto por Jeffery Del Viscio

Escalas de tempo geológicas, colapso civilizacional e extinção de espécies dão origem a problemas profundos que acadêmicos de humanidades e filósofos acadêmicos, com seu gosto por análises refinadas, debates esotéricos e marginália arquivística, podem parecer notavelmente inadequados para abordar. Afinal, como refletir sobre Kant nos ajudará a capturar dióxido de carbono? Os argumentos entre a ontologia orientada a objetos e o materialismo histórico podem proteger as abelhas da síndrome do colapso das colônias? Filósofos gregos antigos, teólogos medievais e metafísicos contemporâneos conseguirão evitar que Bangladesh seja inundada pela elevação dos oceanos?

Claro que não. Mas os maiores problemas que o Antropoceno coloca são precisamente aqueles que sempre estiveram na raiz dos questionamentos humanísticos e filosóficos: "O que significa ser humano?" e "O que significa viver?". Na época do Antropoceno, a questão da mortalidade individual — "O que significa minha vida diante da morte?" — é universalizada e enquadrada em escalas que confundem a imaginação. O que significa a existência humana diante de 100.000 anos de mudanças climáticas? O que significa uma vida diante da morte de espécies ou do colapso da civilização global? Como fazemos escolhas significativas à sombra do nosso fim inevitável?

Essas questões não têm respostas lógicas ou empíricas. São problemas filosóficos por excelência. Muitos pensadores, incluindo Cícero, Montaigne, Karl Jaspers e o próprio Simon Critchley, de *A Pedra*, argumentaram que estudar filosofia é aprender a morrer. Se isso for verdade, então entramos na era mais filosófica da humanidade — pois este é precisamente o problema do Antropoceno. O problema é que agora temos que aprender a morrer não como indivíduos, mas como civilização.

III.

Aprender a morrer não é fácil. No Iraque, no começo, eu estava apavorado com a ideia. Bagdá parecia incrivelmente perigosa, embora estatisticamente eu estivesse bem seguro. Fomos alvejados e atingidos por morteiros, e havia dispositivos explosivos improvisados em todas as rodovias, mas eu tinha uma boa blindagem, tínhamos um ótimo médico e fazíamos parte do exército mais poderoso que o mundo já vira. As chances eram boas de que eu voltaria para casa. Talvez ferido, mas provavelmente vivo. Todos os dias em que eu saía em missão, porém, eu olhava para o futuro e via um buraco escuro e vazio.

"Para o soldado, a morte é o futuro, o futuro que sua profissão lhe atribui", escreveu Simone Weil em sua notável meditação sobre a guerra, *"A Ilíada ou o Poema da Força"*. "No entanto, a ideia de o homem ter a morte como futuro é abominável à natureza. Uma vez que a experiência da guerra torna visível a possibilidade da morte que jaz trancada em cada momento, nossos pensamentos não podem viajar de um dia para o outro sem encontrar o rosto da morte." Esse era o rosto que eu via no espelho, e seu olhar quase me paralisou.

Encontrei meu caminho através de um manual de samurai do século XVIII, o *"Hagakure"*, de Yamamoto Tsunetomo, que ordenava: "A meditação sobre a morte inevitável deve ser realizada diariamente". Em vez de temer o meu fim, eu o assumi. Todas as manhãs, depois de fazer a manutenção do meu Humvee***, eu imaginava ser explodido por um dispositivo explosivo improvisado, baleado por um atirador de elite, queimado vivo, atropelado por um tanque, dilacerado por cães, capturado e decapitado, e sucumbir à disenteria. Então, antes

de passarmos pelo portão, eu dizia a mim mesmo que não precisava me preocupar, porque eu já estava morto. A única coisa que importava era que eu fizesse o meu melhor para garantir que todos os outros voltassem vivos. "Se, ao corrigir o coração todas as manhãs e noites, alguém for capaz de viver como se seu corpo já estivesse morto", escreveu Tsunetomo, "ele conquista a liberdade no Caminho".

Eu completei minha missão no Iraque um dia de cada vez, meditando todas as manhãs sobre o meu fim inevitável. Quando saí do Iraque e voltei para os Estados Unidos, pensei que tinha deixado esse futuro para trás. Então, vi-o voltar para casa no caos que se desencadeou após o Katrina atingir Nova Orleans. E então o vi novamente quando o furacão Sandy atingiu Nova York e Nova Jersey: agências governamentais não se moveram com a rapidez necessária, e grupos de voluntários como a Equipe Rubicon tiveram que intervir para gerenciar o socorro em desastres.

Agora, quando olho para o nosso futuro — para o Antropoceno — vejo água subindo para inundar a parte baixa de Manhattan. Vejo tumultos por falta de comida, furacões e refugiados climáticos. Vejo soldados da 82ª Divisão Aerotransportada atirando em saqueadores. Vejo falhas na rede elétrica, portos destruídos, resíduos de Fukushima e pragas. Vejo Bagdá. Vejo as Montanhas Rochosas. Vejo um mundo estranho e precário.

Nosso novo lar.

A psique humana naturalmente se rebela contra a ideia de seu fim. Da mesma forma, civilizações ao longo da história marcharam cegamente em direção ao desastre, porque os humanos são programados para acreditar que o amanhã será muito parecido com o hoje — não é natural pensarmos que este modo de vida, este momento presente, esta ordem das coisas não seja estável e permanente. Em todo o mundo hoje, nossas ações testemunham nossa crença de que podemos continuar assim para sempre, queimando petróleo, envenenando os mares, exterminando outras espécies, lançando carbono no ar, ignorando o silêncio ameaçador de nossos canários de mina de carvão em favor dos tuítes robóticos intermináveis de nosso novo imaginário digital. No entanto, a realidade da mudança climática global continuará se intrometendo em nossas fantasias de crescimento perpétuo, inovação permanente e energia infinita, assim como a realidade da mortalidade choca nossa fé casual na permanência.

O maior problema que as mudanças climáticas representam não é como o Departamento de Defesa deve planejar guerras por recursos, ou como devemos construir muros de contenção para proteger Alphabet City, ou quando devemos evacuar Hoboken. Não será resolvido comprando um Prius^{*4}, assinando um tratado ou desligando o ar-condicionado. O maior problema que enfrentamos é filosófico: entender que esta civilização já está morta. Quanto mais cedo enfrentarmos esse problema e quanto mais cedo percebermos que não há nada que possamos fazer para nos salvar, mais cedo poderemos nos dedicar ao árduo trabalho de nos adaptar, com humildade mortal, à nossa nova realidade.

A escolha é clara. Podemos continuar agindo como se o amanhã fosse igual ao ontem, ficando cada vez menos preparados para cada novo desastre que surge e cada vez mais desesperadamente envolvidos em uma vida que não podemos sustentar. Ou podemos

aprender a ver cada dia como a morte do que veio antes, nos libertando para lidar com quaisquer problemas que o presente nos ofereça sem apego ou medo.

Se quisermos aprender a viver no Antropoceno, primeiro precisamos aprender a morrer.

Original:

Learning How to Die in the Anthropocene

<https://archive.nytimes.com/opinionator.blogs.nytimes.com/2013/11/10/learning-how-to-die-in-the-anthropocene/>

O autor

Roy Scranton serviu no Exército dos Estados Unidos de 2002 a 2006. Ele é doutorando em inglês pela Universidade de Princeton e coeditor de "Fire and Forget: Short Stories from the Long War" ("Fogo e Esqueça: Histórias Curtas da Longa Guerra"). Ele escreveu para o The New York Times, Boston Review, Theory & Event e recentemente concluiu um romance sobre a Guerra do Iraque. Twitter @RoyScranton.

Correção: 26 de novembro de 2013

Uma versão anterior deste artigo descreveu incorretamente a origem da palavra "antropoceno". O termo não foi cunhado em 2002 por Paul Crutzen; ele está em uso desde a década de 1980 e foi introduzido na discussão científica por Crutzen e Eugene Stoermer em 2000.*⁵

Crutzen, P.J., Stoermer, E.F. (2021). The 'Anthropocene' (2000). In: Benner, S., Lax, G., Crutzen, P.J., Pöschl, U., Lelieveld, J., Brauch, H.G. (eds) Paul J. Crutzen and the Anthropocene: A New Epoch in Earth's History. The Anthropocene: Politik—Economics—Society—Science, vol 1. Springer, Cham.
https://doi.org/10.1007/978-3-030-82202-6_2
https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-82202-6_2

Notas do tradutor

* Shock and Awe, uma doutrina estadunidense de ataques iniciais com bombas guiadas e mísseis procurando causar o maior impacto na força adversária.

** Alusão ao "Hino de Jeremias" ou "Lamentações de Jeremias" refere-se a um conjunto de peças musicais que frequentemente se inspiram nas Lamentações do livro bíblico de Jeremias. Essas peças são escritas para coro e, por vezes, com acompanhamento instrumental, e expressam tristeza e lamento pela destruição de Jerusalém.

*** Veículo militar leve típico das forças armadas dos EUA.

*4 Toyota Prius é um automóvel híbrido compacto da Toyota movido a gasolina e electricidade.

*5 Já em 1873, o geólogo italiano Antonio Stoppani reconheceu o crescente poder e efeito da humanidade nos sistemas da Terra e se referiu a uma "era antropozóica".

Crutzen, P. J. (2002). "Geology of mankind". Nature. 415 (6867): 23.

Bibcode:[2002Natur.415...23C](#). doi:[10.1038/415023a](#). PMID [11780095](#). [S2CID 9743349](#).

Extras

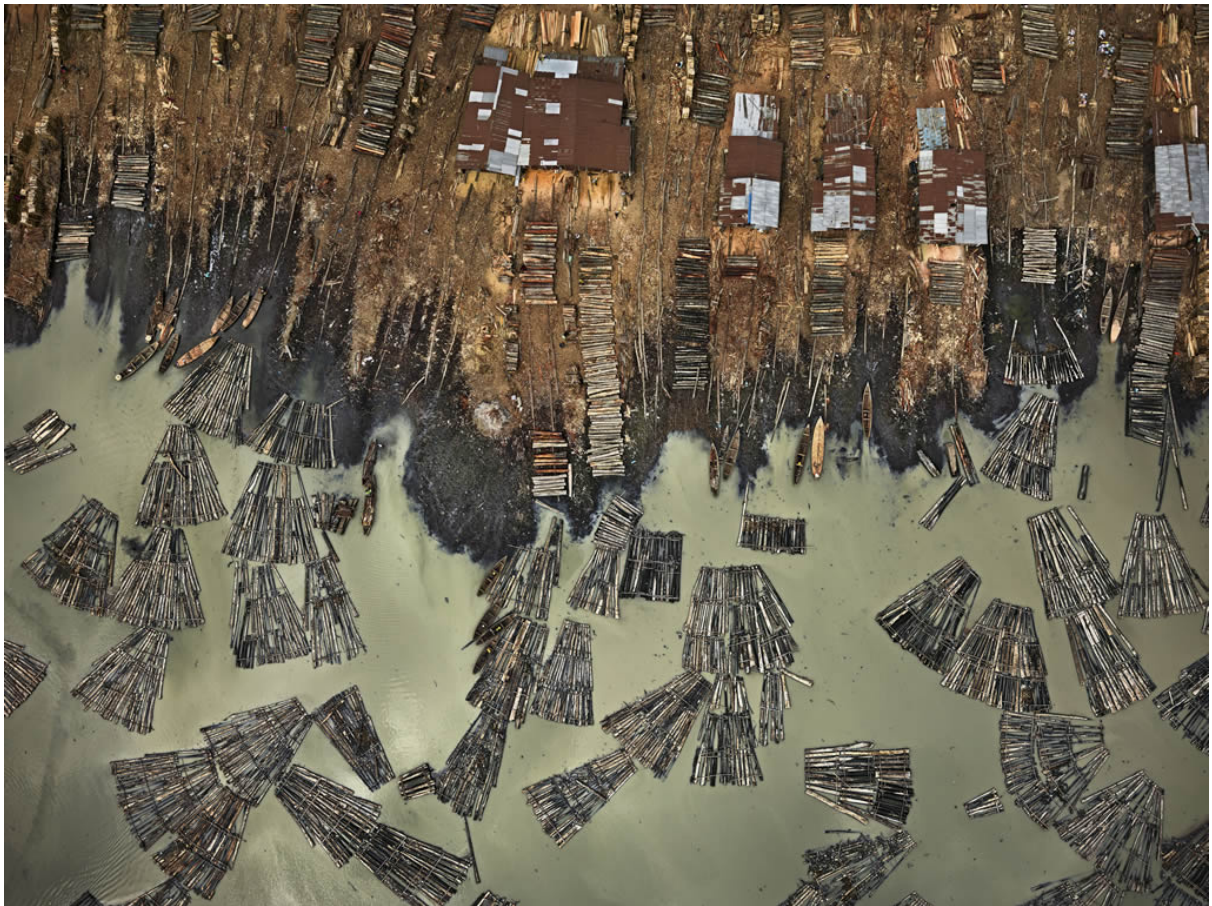
Imagens que são amostras da escala da ação humana na atualidade:

"Anthropocene" é uma importante exposição de arte contemporânea na National Gallery of Canada em 2025 que apresenta novas obras do coletivo de Edward Burtynsky (as fotos abaixo), Jennifer Baichwal e Nicholas de Pencier.

<https://www.gallery.ca/whats-on/exhibitions-and-galleries/anthropocene>



Edward Burtynsky, Projeto Solar Cerro Dominador nº 1, Deserto do Atacama, Chile, 2017, foto © Edward Burtynsky, cortesia da Nicholas Metivier Gallery, Toronto



Edward Burtynsky, Saw Mills #1, Lagos, Nigéria, 2016, foto © Edward Burtynsky, cortesia da Nicholas Metivier Gallery, Toronto



Edward Burtynsky, Mina de carvão nº 1, Renânia do Norte, Vestfália, Alemanha (detalhe), 2015, foto © Edward Burtynsky, cortesia da Nicholas Metivier Gallery, Toronto



Edward Burtynsky, Lagoa de Resíduos de Fósforo nº 4, perto de Lakeland, Flórida, EUA, 2012, foto © Edward Burtynsky, cortesia da Nicholas Metivier Gallery, Toronto



Edward Burtynsky, Salt Pan #21, Little Rann of Kutch, Gujarat, Índia, 2016, foto © Edward Burtynsky, cortesia da Nicholas Metivier Gallery, Toronto

A Gathering of Opinion From Around the Web

Search

The Stone

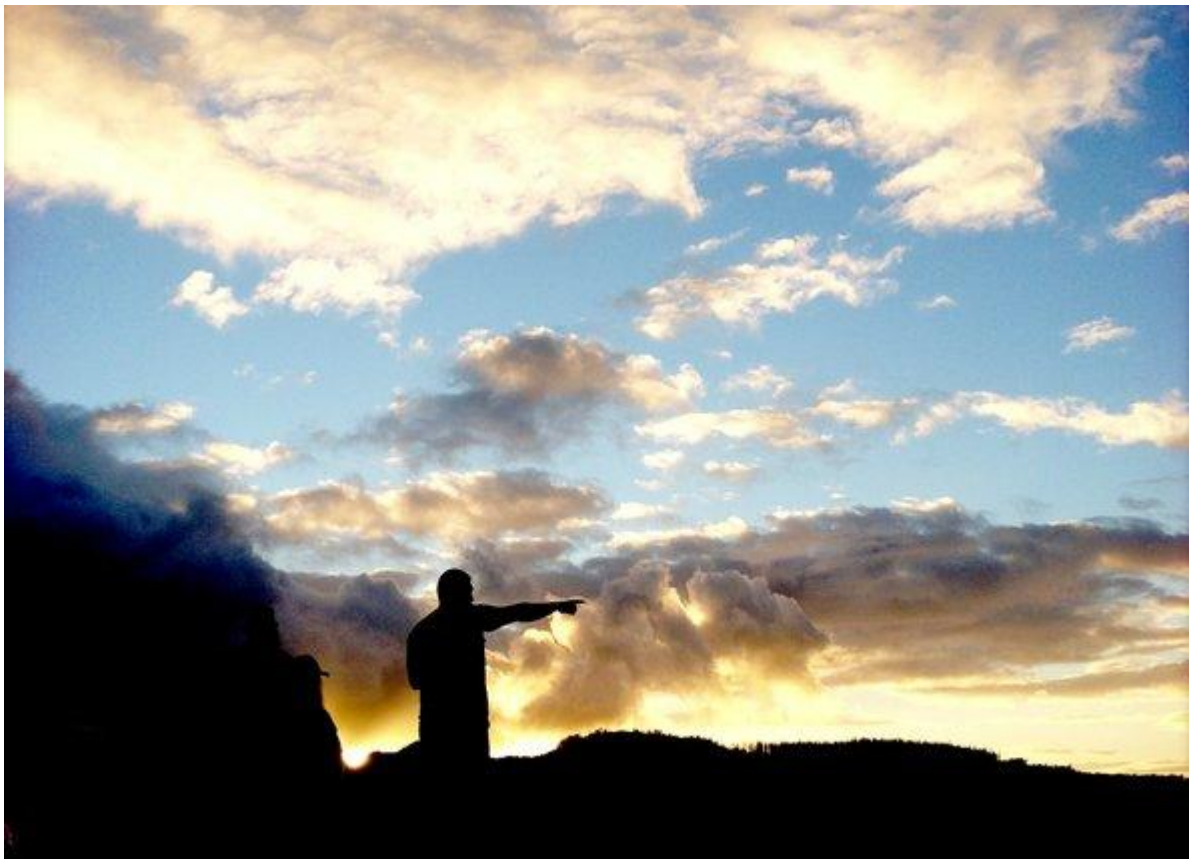
Learning How to Die in the Anthropocene

By Roy Scranton November 10, 2013 3:00 pm

November 10, 2013 3:00 pm

475

Photo



Credit

Jeffery DelViscio



[The Stone](#) is a forum for contemporary philosophers and other thinkers on issues both timely and timeless.

I.

Driving into Iraq just after the 2003 invasion felt like driving into the future. We convoyed all day, all night, past Army checkpoints and burned-out tanks, till in the blue dawn Baghdad rose from the desert like a vision of hell: Flames licked the bruised sky from the tops of refinery towers, cyclopean monuments bulged and leaned against the horizon, broken overpasses swooped and fell over ruined suburbs, bombed factories, and narrow ancient streets.

Civilizations have marched blindly toward disaster because humans are wired to believe that tomorrow will be much like today.

With “shock and awe,” our military had unleashed the end of the world on a city of six million — a city about the same size as Houston or Washington. The infrastructure was totaled: water, power, traffic, markets and security fell to anarchy and local rule. The city’s secular middle class was disappearing, squeezed out between gangsters, profiteers, fundamentalists and soldiers. The government was going down, walls were going up, tribal lines were being drawn, and brutal hierarchies savagely established.

I was a private in the United States Army. This strange, precarious world was my new home. If I survived.

Two and a half years later, safe and lazy back in Fort Sill, Okla., I thought I had made it out. Then I watched on television as Hurricane Katrina hit New Orleans. This time it was the weather that brought shock and awe, but I saw the same chaos and urban collapse I’d seen in Baghdad, the same failure of planning and the same tide of anarchy. The 82nd Airborne hit the ground, took over

strategic points and patrolled streets now under de facto martial law. My unit was put on alert to prepare for riot control operations. The grim future I'd seen in Baghdad was coming home: not terrorism, not even W.M.D.'s, but a civilization in collapse, with a crippled infrastructure, unable to recuperate from shocks to its system.

And today, with [recovery still going](#) on more than a year after Sandy and [many critics arguing that](#) the Eastern seaboard is no more prepared for a huge weather event than we were last November, it's clear that future's [not going away](#).

This March, Admiral Samuel J. Locklear III, the commander of the United States Pacific Command, told security and foreign policy specialists in Cambridge, Mass., that global climate change was the greatest threat the United States faced — more dangerous than terrorism, Chinese hackers and North Korean nuclear missiles. Upheaval from increased temperatures, rising seas and radical destabilization “is probably the most likely thing that is going to happen...” [he said](#), “that will cripple the security environment, probably more likely than the other scenarios we all often talk about.”

Locklear's not alone. Tom Donilon, the national security adviser, [said much the same thing](#) in April, speaking to an audience at Columbia's new Center on Global Energy Policy. James Clapper, director of national intelligence, [told the Senate in March](#) that “Extreme weather events (floods, droughts, heat waves) will increasingly disrupt food and energy markets, exacerbating state weakness, forcing human migrations, and triggering riots, civil disobedience, and vandalism.”

On the civilian side, the [World Bank's](#) recent report, “Turn Down the Heat: Climate Extremes, Regional Impacts, and the Case for Resilience,” offers a dire prognosis for the effects of global warming, which climatologists now predict will raise global temperatures by 3.6 degrees Fahrenheit within a generation and 7.2 degrees Fahrenheit within 90 years. [Projections from researchers](#) at the University of Hawaii find us dealing with “historically unprecedented” climates as soon as 2047. The climate scientist

James Hansen, formerly with NASA, [has argued](#) that we face an “apocalyptic” future. This grim view is seconded by researchers worldwide, including [Anders Levermann](#), [Paul and Anne Ehrlich](#), [Lonnie Thompson](#) and [many, many, many](#) others.

This chorus of Jeremiahs predicts a radically transformed global climate forcing widespread upheaval — not possibly, not potentially, but *inevitably*. We have passed the point of no return. From the point of view of policy experts, climate scientists and national security officials, the question is no longer whether global warming exists or how we might stop it, but how we are going to deal with it.

II.

There’s a word for this new era we live in: the Anthropocene. This term, taken up by [geologists](#), [pondered by intellectuals](#) and discussed in the pages of publications such as [The Economist](#) and the [The New York Times](#), represents the idea that we have entered a new epoch in Earth’s geological history, one characterized by the arrival of the human species as a geological force. The biologist Eugene F. Stoermer and the Nobel-Prize-winning chemist Paul Crutzen advanced the term in 2000, and it has steadily gained acceptance as evidence has increasingly mounted that the changes wrought by global warming will affect not just the world’s climate and biological diversity, but its very geology — and not just for a few centuries, but for millennia. The geophysicist David Archer’s 2009 book, [“The Long Thaw: How Humans are Changing the Next 100,000 Years of Earth’s Climate,”](#) lays out a clear and concise argument for how huge concentrations of carbon dioxide in the atmosphere and melting ice will radically transform the planet, beyond freak storms and warmer summers, beyond any foreseeable future.

The Stratigraphy Commission of the Geological Society of London — the scientists responsible for pinning the “golden spikes” that demarcate geological epochs such as the Pliocene, Pleistocene, and Holocene — have adopted the Anthropocene as a term deserving further consideration, [“significant on the scale of Earth history.”](#) Working groups are discussing what level of geological time-scale it might be (an “epoch” like the Holocene, or merely an “age” like the

Calabrian), and at what date we might say it began. The beginning of the Great Acceleration, in the middle of the 20th century? The beginning of the Industrial Revolution, around 1800? The advent of agriculture?

Every day I went out on mission in Iraq, I looked down the barrel of the future and saw a dark, empty hole.

The challenge the Anthropocene poses is a challenge not just to national security, to food and energy markets, or to our “way of life” — though these challenges are all real, profound, and inescapable. The greatest challenge the Anthropocene poses may be to our sense of what it means to be human. Within 100 years — within three to five generations — we will face average temperatures 7 degrees Fahrenheit higher than today, rising seas at least three to 10 feet higher, and worldwide shifts in crop belts, growing seasons and population centers. Within a thousand years, unless we stop emitting greenhouse gases wholesale right now, humans will be living in a climate the Earth hasn’t seen since the Pliocene, three million years ago, when oceans were *75 feet* higher than they are today. We face the imminent collapse of the agricultural, shipping and energy networks upon which the global economy depends, a large-scale die-off in the biosphere that’s already well on its way, and our own possible extinction. If homo sapiens (or some genetically modified variant) survives the next millenniums, it will be survival in a world unrecognizably different from the one we have inhabited.

Photo



Credit

Jeffery DelViscio

Geological time scales, civilizational collapse and species extinction give rise to profound problems that humanities scholars and academic philosophers, with their taste for fine-grained analysis, esoteric debates and archival marginalia, might seem remarkably ill suited to address. After all, how will thinking about Kant help us trap carbon dioxide? Can arguments between object-oriented ontology and historical materialism protect honeybees from colony collapse disorder? Are ancient Greek philosophers, medieval theologians, and contemporary metaphysicians going to keep Bangladesh from being inundated by rising oceans?

Of course not. But the biggest problems the Anthropocene poses are precisely those that have always been at the root of humanistic and philosophical questioning: “What does it mean to be human?” and “What does it mean to live?” In the epoch of the Anthropocene, the question of individual mortality — “What does *my life* mean in the face of death?” — is universalized and framed in scales that boggle

the imagination. What does human existence mean against 100,000 years of climate change? What does one life mean in the face of species death or the collapse of global civilization? How do we make meaningful choices in the shadow of our inevitable end?

These questions have no logical or empirical answers. They are philosophical problems *par excellence*. Many thinkers, including Cicero, Montaigne, Karl Jaspers, and The Stone's own Simon Critchley, have argued that studying philosophy is learning how to die. If that's true, then we have entered humanity's most philosophical age — for this is precisely the problem of the Anthropocene. The rub is that now we have to learn how to die not as individuals, but as a civilization.

III.

Learning how to die isn't easy. In Iraq, at the beginning, I was terrified by the idea. Baghdad seemed incredibly dangerous, even though statistically I was pretty safe. We got shot at and mortared, and I.E.D.'s laced every highway, but I had good armor, we had a great medic, and we were part of the most powerful military the world had ever seen. The odds were good I would come home. Maybe wounded, but probably alive. Every day I went out on mission, though, I looked down the barrel of the future and saw a dark, empty hole.

"For the soldier death is the future, the future his profession assigns him," wrote Simone Weil in her remarkable meditation on war, "The Iliad or the Poem of Force." "Yet the idea of man's having death for a future is abhorrent to nature. Once the experience of war makes visible the possibility of death that lies locked up in each moment, our thoughts cannot travel from one day to the next without meeting death's face." That was the face I saw in the mirror, and its gaze nearly paralyzed me.

I found my way forward through an 18th-century Samurai manual, Yamamoto Tsunetomo's "Hagakure," which commanded: "Meditation on inevitable death should be performed daily." Instead of fearing my end, I owned it. Every morning, after doing maintenance on my Humvee, I'd imagine getting blown up by an

I.E.D., shot by a sniper, burned to death, run over by a tank, torn apart by dogs, captured and beheaded, and succumbing to dysentery. Then, before we rolled out through the gate, I'd tell myself that I didn't need to worry, because I was already dead. The only thing that mattered was that I did my best to make sure everyone else came back alive. "If by setting one's heart right every morning and evening, one is able to live as though his body were already dead," wrote Tsunetomo, "he gains freedom in the Way."

I got through my tour in Iraq one day at a time, meditating each morning on my inevitable end. When I left Iraq and came back stateside, I thought I'd left that future behind. Then I saw it come home in the chaos that was unleashed after Katrina hit New Orleans. And then I saw it again when Sandy battered New York and New Jersey: Government agencies [failed to move quickly enough](#), and [volunteer groups like Team Rubicon had to step in](#) to manage disaster relief.

Now, when I look into our future — into the Anthropocene — I see water rising up to wash out lower Manhattan. I see food riots, hurricanes, and climate refugees. I see 82nd Airborne soldiers shooting looters. I see grid failure, wrecked harbors, Fukushima waste, and plagues. I see Baghdad. I see the Rockaways. I see a strange, precarious world.

Our new home.

The human psyche naturally rebels against the idea of its end. Likewise, civilizations have throughout history marched blindly toward disaster, because humans are wired to believe that tomorrow will be much like today — it is unnatural for us to think that this way of life, this present moment, this order of things is not stable and permanent. Across the world today, our actions testify to our belief that we can go on like this forever, burning oil, poisoning the seas, killing off other species, pumping carbon into the air, ignoring the ominous silence of our coal mine canaries in favor of the unending robotic tweets of our new digital imaginarium. Yet the reality of global climate change is going to keep intruding on our fantasies of perpetual growth, permanent innovation and endless

energy, just as the reality of mortality shocks our casual faith in permanence.

The biggest problem climate change poses isn't how the Department of Defense should plan for resource wars, or how we should put up sea walls to protect Alphabet City, or when we should evacuate Hoboken. It won't be addressed by buying a Prius, signing a treaty, or turning off the air-conditioning. The biggest problem we face is a philosophical one: understanding that this civilization is *already dead*. The sooner we confront this problem, and the sooner we realize there's nothing we can do to save ourselves, the sooner we can get down to the hard work of adapting, with mortal humility, to our new reality.

The choice is a clear one. We can continue acting as if tomorrow will be just like yesterday, growing less and less prepared for each new disaster as it comes, and more and more desperately invested in a life we can't sustain. Or we can learn to see each day as the death of what came before, freeing ourselves to deal with whatever problems the present offers without attachment or fear.

If we want to learn to live in the Anthropocene, we must first learn how to die.



*Roy Scranton served in the United States Army from 2002 to 2006. He is a doctoral candidate in English at Princeton University, and co-editor of [*Fire and Forget: Short Stories from the Long War*](#). He has written for The New York Times, Boston Review, Theory & Event and recently completed a novel about the Iraq War. Twitter @RoyScranton.*

Correction: November 26, 2013

An earlier version of this article incorrectly described the origin of the word "anthropocene." The term was not coined in 2002 by Paul Crutzen; it has been in use since the 1980s, and was introduced into scientific discussion by Crutzen and Eugene Stoermer in 2000.
